CMP 2.1.6.B3

Grande Hotel da Paz, na rua de São Bento, 1880.

Livros que trazem o passado de volta

ERNANI SILVA BRUNO

Somam dezessete os volumes já editados, a partir de 1977, pelo Governo do Estado, sob o título de Coleção Paulística, que se destina sobretudo a colocar, nas mãos dos pesquisadores ou dos curiosos da historiografia paulista, aqueles livros (ou ensaios estampados em revistas) que, por sua raridade, haviam se tornado inacessíveis ou pouco acessíveis aos que se interessam pela memória de São Paulo. Iniciativa, de resto, semelhante àquela tomada pela Academia Paulista de Letras reeditando, em anos recentes, entre outros, os relatos de Francisco de Assis Vieira Bueno e de Henrique Raffard, além de retirar, da sombra em que se escondia, o romance "O Urso", do sorocabano Antônio de Oliveira.

Abriu a Coleção Paulística o volume "Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial" reunindo os trabalhos de quatro autores que, identificados pela época de seus testemunhos (1751-1804), apresentam com muito realismo e muita vivacidade o espelho de duas faces que parece ter sido a existência dos paulistas em fins do período colonial: aquela que se cumpria ainda (a despeito do declínio do bandeirismo) nas aventurosas viagens pelos rios que se emaranhavam ao longo da rude paisagem sertaneja e aquela outra que transcorria, pachorrenta e monótona, nas povoações silenciosas e nos sítios que balizavam caminhos quase intransitáveis.

Particularmente interessantes se configuram esses testemunhos porque revelam uma fase um tanto indefinida e talvez pouco conhecida da história social de São Paulo. Contribuem para que se conheça melhor a existência de uma região brasileira que já não era o núcleo das bandeiras preadoras e do sertanismo minerador, como fora de fins do século 16 ao primeiro quartel do 18. E não era ainda a região cuja riqueza maior e cuja feição econômica mais característica se apoiariam na "onda verde" dos cafezais, como seria a partir de meados do século passado.

Esse volume intitulado "Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial" inclui a "Dissertação sobre a Capitania de São Paulo, sua decadência e modo de restabelecê-la", de Marcelino Pereira Cleto, o famoso e pouco lido "Divertimento Admirável", de Manoel Cardoso de Abreu, a "Recopilação de notícias sobre a Capitania de São Paulo", de Luís dos Santos Vilhena, e os diários das "viagens mineralógicas" feitas no começo do século passado por Martim Francisco Ribeiro de Andrada. Este último, fértil em reveladoras anotações, como aquela em que — longe de imaginar o atual surto das "grandezas" de Itu — observava que as casas ituanas eram "tão abaiucadas e baixas" que ele se sentia, ali, "outro Gulliver viajando pelo país dos pigmeus".

Um aspecto sensível da realidade paulista que se reflete nas observações e nas preocupações desses autores de livros ou memórias de fins da época colonial é a constituída pelas dificuldades e os obstáculos que se antepunham à recomposição das atividades agrícolas em uma região, como São Paulo, antes dominada pelo espírito de aventura característico do bandeirismo e da mineração. Em suas "Reflexões sobre o estado em que se acha a agricultura na capitania de São Paulo" — incluídas no volume 6.o da Coleção Paulística — escrevia José Arouche de Toledo Rendon: "Um lavrador paulista apenas trabalha no ano 2 a 3 meses. O que pretende fazer a sua roçada ou derrubada de mata convoca os seus vizinhos para certo dia em que, depois de comer muito e beber melhor, pegam nos machados e nas foices, mais animados do espírito da caninha que do amor ao trabalho". E ainda: "Os lavradores desta capitania são tão vadios que, para haverem de trabalhar 2 ou 3 meses no ano, é preciso serem conduzidos como para a folia e não para o trabalho". Palavras que sugerem a figura de Jeca Tatu, mais de cem anos antes da sátira de Lobato.

Outra posição de alguns observadores desse tempo — posição que se tornou ingênua, vista de agora, porque a evolução histórica enveredou por caminhos então imprevisíveis — é, por exemplo, a do ouvidor Marcelino Pereira Cleto, autor da "Dissertação", que via no litoral paulista, e não nas terras interiores, a área privilegiada em que a lavoura de São Paulo deveria crescer e prosperar. De certa forma refletia ainda esse ponto de vista, algumas décadas depois, Daniel Pedro Muller, autor de um dos primeiros livros impressos em São Paulo, o "Ensaio d'um quadro estatístico da província de São Paulo em 1836", também agora reeditado na Coleção Paulística em edição facsimilada. E que, não podendo ainda prever a expansão dos cafezais para o oeste paulista, escrevia: "A agricultura, em lugar de conchegar os habitantes, separou, a muitos, do seu antigo domicílio; as vizinhanças da cidade (São Paulo), n'outro tempo mais populosas, têm decaído e suas famílias feito o aumento de outros distritos mais distantes; o seu produto aumenta, mas o transporte se dificulta". Quase uma queixa.

A quebra dos chafarizes, por causa da falta de água (Charge de Angelo Agostini, 1866).

Desastre na Estrada de Ferro Inglesa (Santos-Jundiaí) (Gravura de 1865).

Outros volumes da Paulística são obras mais recentes — da segunda metade do século passado e da primeira metade do atual — refletindo obviamente situações e preocupações de outra ordem. Dois dentre eles — sem qualquer menosprezo pelos demais — convidam a uma breve referência. O volume 5 é a reedição de um livrinho raríssimo, "Em São Paulo — Notas de Viagem", de Junius (Firmo de Albuquerque Diniz) que, tendo conhecido a cidade de São Paulo em meados do século 19, quando estudava em sua Academia de Direito, reviu-a trinta anos depois, cheia de mudanças e novidades. O paralelo que faz entre as duas épocas é interessante, pois os pesquisadores da história da cidade mostram que foi precisamente em torno de 1870-1872 (época intermediária das presenças de Junius) que por várias razões se acelerou o ritmo de desenvolvimento da cidade, com a presença da estrada de ferro, bondes e carruagens circulando, algumas fábricas soprando para o céu as primeiras fumaças, amplos edifícios desacatando as humildes taipas antigas, o gás imprimindo brilhos novos à feição noturna das ruas e senhoras desacompanhadas passeando, olhando vitrinas, entrando afoitamente nas confeitarias...

O volume 11 da coleção — "Tradições e Reminiscências Paulistanas", de Afonso A. de Freitas — foi uma das primeiras coletâneas de bom nível literário evocativas da paisagem urbana paulistana de cerca de 1870 aos primeiros anos do século atual. É quase o oposto do livro de Junius, que documentava, em seu tempo, o desabrochar do soturno burgo primitivo na cidade que se expandia para assumir novas configurações. Freitas, vivendo na cidade quase metropolitana, procurava identificar e salvar do esquecimento suas ingênuas raízes provincianas.